

A PERCEPÇÃO DA RAÇA E DO LOUCO DA ANTROPOLOGIA DE CARL
FRIEDRICH PHILIPP VON MARTIUS

Igor Antonio Marques de Paiva
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT), campus Várzea-
Grande
e-mail: igor.paiva@vgd.ifmt.edu.br

1. Introdução

Após uma viagem de três anos no interior do Brasil (1817-1820), Spix e Martius assinaram a *Reise in Brasilien* (1823-1831), um amplo conjunto de publicações sobre a população, a vegetação e o território brasileiro. Dentro dos limites da História Natural, a percepção das imagens humanas por Martius enviesam raça, doenças e degeneração. O louco, o miserável e o selvagem encontram pontos de conexão no repertório imaginário do naturalista, revelando a figura do dito degenerado americano através de associações que deveriam compor a classificação dos indígenas do Brasil.

As anotações de cunho antropológico do viajante naturalista foram revistas em estudos do direito: “Von dem Reschtszustande unter den Unreinwohnern Brasiliens (1832)”; em especulações sobre o passado e futuro indígena “Beträge zur Etnografie und Sprachenkunde, zumal Brasilien” (1838); em pesquisas sobre a linguagem dos indígenas: “Beträge zur Etnografie und Sprachenkunde, zumal Brasilien” (1867). Entre as frentes de estudo sobre o homem, consta o ensaio médico-antropológico “Das Naturell, die Krankheiten, das Arztthum und die Heilmittel der urbewohner Brasilien” (1844).

Nas linhas gerais do repertório imaginário dessas obras, o indígena é um tipo degenerado, em que há falas que é posto em similaridade às figuras dos *loucos* e fugitivos de instituições médicas e de cárcere. Neste artigo buscamos a percepção das figuras da loucura na população brasileira presentes nas obras de Martius.

Em suas considerações antropológicas, Martius conectou corpo e espírito através do repertório conceitual da medicina romântica com as bases na fisiologia do final do século XVIII. O alvo das suas especulações sobre as diferenças raciais foi além dos aspectos morfológicos; os padrões de elasticidade das fibras do sistema nervoso deveriam garantir a positividade das diferenças raciais. Através deste princípio oriundo da fisiologia, o orgânico era conectado aos instintos raciais, desta forma, vinculando a

superfície dos fenômenos corporais aos culturais, “psicológicos” e sociais descritos pelo naturalista ao longo de suas obras e ensaios de perfil antropológico. Em campo compartilhado com a medicina das fibras, a experiência de uma caracterologia racial desse naturalista bávaro foi baseada num princípio fisiológico.

2. Louco, encarcerados e colonizados

Em relatórios de prestação de contas da expedição ao Brasil de Spix e Martius à Academia de Ciências e ao rei Max Joseph I, da Baviera, identifica-se uma aproximação entre “selvagens” e os tipos das instituições de internamento: presídios e manicômios. Após os primeiros contatos prolongados com sociedades indígenas em Minas Gerais, em 1818, Martius reportou aos seus patronos:

“Para nós, esses homens possuíam características muito singulares, seu aspecto desconfiado, que é muito parecido ao de loucos e indivíduos escapados de presídios, uma presença intimidante, particularmente quando apreciam animados pela vinhaça e começam a dançar à maneira dos negros” (De Vila Rica, 26.4.1818) (apud..HELBIG 2012, p.43).

No livro impresso *Viagem pelo Brasil* (1823), ocorre outro episódio de reconhecimento da população indígena através dos termos de uma patologização. Os Coroados reduzidos aos arredores da fazenda Guidowäld (MG) tinham o aspecto de dementes, nos termos de Martius:

“Apesar de termos conseguido em pouco tempo a confiança dos Coroados estabelecidos nos arredores, e de podermos nos demorar, sem medo, entre eles, tornava-se pouco a pouco mais vivo o nosso desejo de deixar aquelas sombrias paragens, onde nos sentíamos quase como que no meio de dementes” (SPIX; MARTIUS, 1981, t.1, p.240).

Ao assistirem ao “Préstito dos tecunas”, a associação dos indígenas com doentes mentais ganhou um novo episódio. Ao vê-los, registraram Spix e Martius, a sua impressão de que os Tecunas agiam como “ bodes, parecendo fantasmas ou malucos” [...] (MARTIUS, 1844, p.29. SPIX; MARTIUS, 1823, p.1188; 1981, t.3, p.200).

Em 1820, na etapa final da viagem, em carta escrita aos familiares Martius retomou a associação entre os indígenas e “anormalidades” das doenças mentais. Desta vez, na generalidade da loucura; contudo, ele mesmo poderia vir a ser a vítima da perda da razão, contagiado pela convivência com a sociedade moralmente degenerada dos Miranhas.

À época, Martius tivera convivido com indivíduos deste grupo étnico na região amazônica. As atividades dos Miranhas no comércio de escravos capturados às margens do rio Japurá e seus os hábitos antropofágicos eram aspectos destacados na representação feita por Martius desses povos. Ao viver entre eles, o naturalista reporta os fremitos de sua alma. Sentia-se, disse, ameaçado pelo *contágio* de convivência tão nociva à sua alma. Aterrorizava-lhe a possibilidade da loucura ou de se tornar um demônio ao conviver com tal sociedade que revelava do humano, “os aspectos mais horríveis” (apud.HELBIG, 2012, p.44-5).

Os corpos dos “índios degenerados” foram vistos à luz das questões propostas pela antropologia física; contudo, à época que já havia se desenvolvido a psiquiatria moralista Clássica na Europa, a população encerrada nas instituições carcerárias tingiu as representações indígenas com as *cores* da loucura. Dementes, loucos ou fugitivos de presídios foram referências europeias do naturalista bávaro para tornar compreensível as expressões faciais, os gestos e os modos de se por à vista em sociedade dos indígenas das missões ou dos habitantes *livres* dos arredores de espaços colonizados.

O termo degenerado criou condições para essa associação entre populações institucionalizadas em manicômios, presídios e no mundo colonial. O degenerado está no limite das doenças mentais e da anormalidade. Nestes termos, o conceito serviu como um tradutor para da cultura e dos corpos estrangeiros ao naturalista alemão.

No ensaio *Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der urbewohner Brasiliens*, o naturalista bávaro desenvolveu o tema da natureza degenerada atribuída à raça americana que deu coerência epistemológica à reunião dos indígenas com a figura do louco e de criminosos em um mesmo conjunto.

2. Contexto literário contemporâneo

No ensaio *Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der urbewohner Brasiliens*, é citado um grupo de autores com juízos morais diferentes sobre as raças. Martius reuniu uma pequena lista de naturalistas antropólogos segundo um princípio epistemológico. A autoridade dos citados estava na ciência “baseada na ampla observação sem preconceitos”. Portanto, uma antropologia cujos pilares eram a

observação *in locus* e ausência de criaturas míticas: antropomórficas, gigantes e ‘maravilhas barrocas’ depauwnianas, nos termos do naturalista bávaro (1844, p.5).

Além do naturalista Alexander von Humboldt, citou Benjamin Rush (1746-1813). Rush tem publicações sobre doenças mentais, sobre a saúde dos indígenas na América do Norte e defendeu a tese que a cor e forma de negros eram efeitos de uma lepra hereditária (RUSH, 1799, p.192).

Menciona Samuel George Morton (1799-1851), autor de *Crania Americana* (1839). Para este cientista natural e médico as formas cranianas eram o espelho do cérebro e das (desiguais) capacidades intelectuais de cada raça humana.

Cita ainda Alcides d’Orbigny (1802-1857). A geografia, estatísticas populacionais, migrações e origens da raça americana eram seus temas etnológicos. “*En cela, il est bien un naturalise du XVIII^e siècle*” [...]. Conforme a dedicatória de *L’homme américain* (1839), seguia o plano antropológico de Alexander von Humboldt. Como naturalista viajante, “*pour qui bien décrire ne suppose pas de schéma directeur, d’idée de base permettant d’organiser le tout*”, segundo Pédelahore e Boone (PÉDELAHORE; BOONE, 2005, p.192). O essencial era, desta forma, descrever rigorosamente o visto ao longo da exploração dos territórios dos “nativos”. Antropometria, linguagem e moral (características sociais) fechavam o quadro de análise do estudo do naturalista.

As referências citadas pelo naturalista não foram dirigidas a autores diretamente ligados a publicações médicas; embora Rush seja um estudioso de doenças mentais e Morton busque na anatomia o *regime de verdade* da sua antropologia. Conquanto, Martius deixa à luz em seus escritos a presença de conceitos médicos em sua interpretação dos fatos antropológicos no continente americano.

A experiência racial registrada pela escrita de Martius se constituiu na esteira da anatomopatologia de Xavier Bichat (1771-1802). É contemporânea a Cabanis, Pinel e avançam ao tempo de Esquirol e Morel. Mais diretamente, o naturalista correspondeu com o médico Gustav Carus (1789-1869), autor de uma série de ensaios “psiquiátricos”: *Vorlesungen über Psychologie, gehalten im Winter 1829/30 zu Dresden* (1831).

3. Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der urbewohner Brasiliens

Durante a viagem de três anos no Brasil, a flora foi investigada cuidadosamente. No período posterior ao retorno dos naturalistas à Europa, os estudos das plantas foram aparentemente a motivação maior da permanência dos contatos entre Martius e indivíduos do reino do Brasil. Ligando Munique e Brasil, a correspondência de Martius refletia o zelo pela plenitude taxionômica. Esse esforço se traduziu na série contínua de publicações que ampliavam o conhecimento sobre a flora brasileira nos círculos científicos.

A Flora Brasiliensis apareceu com a edição em dois volumes (1829-1833). Anos depois (1840-1906), foi retomada em edições em formato in folio, que tiveram como mecenas Fernando I, da Áustria, Luís I, da Baviera, e o imperador brasileiro, D. Pedro II. Ao final do décimo quinto volume, a Flora Brasiliensis reunia 23.000 espécies catalogadas (GRAU, 2010, p. 117). Incluir todo o conjunto de plantas conhecidas do Brasil manteve o naturalista em rede contínua de trocas epistolares com colaboradores do lado de cá do Atlântico.

“Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der urbewohner Brasiliens” faz parte do contexto de estudos da flora de Martius. A pesquisa sobre plantas medicinais ofereceu as informações substanciais que levaram ao ensaio médico-antropológico.

4. Degeneração fisiológica

A degeneração dos indígenas é definida como paradoxo do seu estado espiritual. O índio se constitui com uma “Natureza dupla” (Doppelnatur). Moralmente está na menoridade; entretanto, é incapaz do progresso como velho estacionário. Nesta condição, permanece no grau inferior da humanidade (niedrigsten Stufe der Humanität) (1867, p.44).

A ideia da degeneração, em si, não está entre as classes das doenças mentais. Todavia, ela remete ao processo de degradação do tipo normal – caucasiano – da

humanidade.¹ Transmitida hereditariamente em escala populacional, Martius considerou uma etiologia ampla da degeneração como “sucessivos infortúnios” (MARTIUS, 1867, p.44).

Martius imaginou “causas cósmicas” para a degeneração – a partir dos mitos toltecas –, quando pensava em catástrofes vulcânicas, terremotos e gases mortíferos (vapores sulfúricos, ácido carbônico) (MARTIUS, 1867, p.37-38).

Mas a degeneração era, sobretudo, social.

Na Vila da pedra branca (BA), índios aquartelados eram usados como marinheiros, mas principalmente na guerra contra “os seus próprios irmãos”. Os naturalistas atribuíram o estado degradado dos índios daquela vila ao papel de “guerreiro”, atribuído a eles, pelo reino Joanino. “O estado de selvageria e degeneração moral, em que se acham, não é mais do que a natural consequência daquele serviço” (1981, t.2, p.134). Todavia, a degeneração, vinha de um processo milenar.

Pois era atribuída às guerras pré-colombianas, ao morticínio dos homens, ao rapto de mulheres e à escravidão de tribos inteiras. Remetia-se, portanto, ao desaparecimento completo de sociedades indígenas ou aos seus efeitos secundários no processo de “fusão de todas as maneiras”, cujo efeito, segundo o autor, era a perda dos traços, da cultura e línguas nacionais (MARTIUS, 1867, p.11-12).

Martius sugere o terror hereditário – causado pelas muitas catástrofes – como fator psicológico causal do estado físico e moral da raça americana. A inteligência obstruída e o coração petrificado (inflexível) poderia ser efeito de traumas hereditários e das condições miseráveis da vida “fora” do controle das interperies naturais alcançado pela tecnologia urbanística ocidental dos Oitocentos. A fome causaria inimizade geral das tribos e levaria a antropofagia. Vícios inveterados e brutais poderiam ser a causa da degeneração geral tanto dos progenitores (culpados), como, hereditariamente, da prole (inocente).

Terão os sobreviventes talvez sofrido tal terror que, transmitido de geração em geração, obstruiu a inteligência e empederniu o coração, segregando aquela gente em fuga constante de todos os benefícios da sociabilidade? Teriam talvez incêndios ou imensas inundações ameaçado a toda a raça vermelha de um período de fome medonho, armando-a com o sentimento da

¹ “A ideia de degeneração remete a um processo de degradação patológica do tipo normal e primitivo da humanidade, que é transmitido hereditariamente, provocando uma afecção de ordem física, intelectual e moral” (CAPONI, 2012, p.25)

inimizade brutal para que, perdendo-se na horrorosa prática da antropofagia, decaísse do seu destino divino até à miséria atual? Ou será esta desumanização uma consequência de vícios inveterados e brutais com que o gênio da nossa raça castiga tanto o inocente como o culpado e cuja severidade para com toda a natureza, para o observador superficial, parece uma crueldade incoerente? (MARTIUS, 1867, p.140; 1904, p.70).

Havia, pois, além destas especulações, a lassidão dos tabus para as relações sexuais como fator causal da degeneração. “Sem dúvida a frequência das relações entre esses parentes próximos é uma causa de deterioração física, e muito mais da degradação mental desta raça vermelha” – escreveu Martius na linha em espiral que liga a degeneração (física e mental) e a estrutura social (1867, p.118).

Fatores hereditários, sejam eles psicológicos e biológicos, eram considerados por Martius para a criação do quadro representativo dos corpos, da sociedade e da história das sociedades indígenas. A História era, pois, uma história das raças. Nesta estratégia Martiusiana de interpretação organicista do homem e da sociedade a fórmula se dá a partir do interior das ciências médicas e da Filosofia e da História Natural (Schelling).

Por efeito destas causas, em longuíssimo processo, o “índio” Oitocentista se tornara uma variedade humana degenerada fadada ao desaparecimento. No caráter (temperamento) orgânico desta raça, Martius acreditou ter identificado a pedra angular para a explicação dos “fatos” sociais e para o passado e futuro desta variedade humana.

Os saberes e a moral simbolizados nos gestos foram um dos indícios da configuração social que Martius interpretou a degeneração da raça americana desde os seus escritos anteriores. O ensaio médico antropológico ocupou o papel de explicar em linguagem médica (psicossomática) a interpretação de Martius da teoria da degeneração aplicada ao estudo do homem não europeu.

5. Degeneração Fisiológica

Em “Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der urbewohner Brasiliens” (1844) a imagem da degeneração deu sentido ao “quadro das relações fisiológicas mais importantes do autóctone brasileiro” (MARTIUS 1844, p.18; 1979, p.9). As características psicossomáticas dos indígenas foram consideradas à vista das influências do clima, estilo de vida (*Lebenweise*) e do grau de cultura (*Bildungsgrade*) (MARTIUS 1844, p.18; 1979, p.9).

Martius revisa seu diário de viagem para dar uma definição unívoca, fechada e racial da fisiologia dos ‘índios do Brasil’ no “ensaio de 1844”. De tal modo, revela seu caminho específico, Oitocentista, frente à assuntos que figuraram permeados de incertezas e de reticências nos apontamentos de Blumenbach e nos publicados por Alexander von Humboldt.

Organicamente, o “índio”, segundo Martius, se caracterizava pela inércia das funções vitais e pelo torpor do sistema nervoso. Esses desvios da degeneração: na imaginação e na ciência, na memória, na sensibilidade e nos laços sociais se explicam no temperamento mórbido atribuído pelo naturalista à raça americana. A “insociabilidade irreduzível”, a melancolia, a indiferença ou incapacidade à civilização encontra na retórica fisiológica um ponto profundo e recorrente em que Martius busca legitimar o seu retrato do americano degenerado.

O sistema nervoso da população indígena na foi o locus da degeneração. Primeiro, o “estado secundário” foi localizado na inércia das funções vitais. – “Tudo quanto até aqui temos dito a respeito das particularidades somáticas dos brasis, nos leva a concluir que ocorrem neles deficiência de sensibilidade e retardamento das funções vitais”, disse o bávaro (1844, p.25; 1979, p.21).

A construção deste diagnóstico médico é tecida fio a fio no exame e observações das reações corporais dos índios no cenário monárquico e escravista do Brasil Oitocentista. Martius toca, ausculta, mas sobretudo, observa como médico antropólogo os corpos dos indígenas no cenário que ainda refletia as estruturas coloniais.

O indício inicial da inércia das funções vitais estavam sob a pele. Os americanos tinham, segundo Martius, um vigoroso desenvolvimento do sistema muscular: “a primeira vista deste selvagem ensina que temos diante de nós um homem com predominância do desenvolvimento do sistema muscular”. Quanto a pele, eram fortes e resistentes (MARTIUS 1844, p.15; 1979, p.21). Todavia, afirmará depois, eram sem irritabilidade e inertes (MARTIUS, 1844, p.56-57).

A força do sistema epidérmico causaria uma transpiração irregular e imperceptível se comparada ao negro e brancos; ainda mais, o afluxo do sangue à superfície corporal seria menor que em outras raças.

O afluxo do sangue à periferia não é neles muito ativo; mas, ainda assim, tornam-se vermelhos, segundo as graduações, semelhante a cobre polido; e, quando se veem os índios dançarem assim, a cor e o brilho da pele dão-lhes o aspecto de figuras vivas de bronze, que o olhar maravilhado do europeu observa com prazer, especialmente, quando os cabelos revoltos, negros, brilhantes ou os enfeites de penas multicores, aumentam ainda mais a estranha novidade daquele espetáculo. Nesta ocasião o índio não excreta a incrível quantidade de suor, que nas regiões quentes corre pelo rosto e peito dos demais homens causando uma perda de forças, que o branco só com vagar recupera” (MARTIUS 1844, p.15; 1979, p.21-22).

De tal modo, a força do “índio” aparentava ser apática – disse Martius. (MARTIUS, 1844, p.22; 1979, p.14). Os corpos eram livres dos suores na execução de trabalhos violentos e também nas circunstâncias festivas sob o calor dos trópicos.

As colicações eram psicossomáticas. Suores se manifestavam nos americanos apenas quando eles estivessem “sujeitos a fortes emoções”. Com medo (Furcht) ou terror (Schrecken) desaparecia dos selvagens a impassibilidade (unbeweglichen). Amedrontados, eram por efeito, disse o autor: vítimas imeditas de colicações (MARTIUS, 1844, p.22).

A partir das colicações, redigiu o naturalista bávaro: “entrevemos um característico psicológico muito notável e comum entre os ameríndios, que é o desaparecimento da coragem, essa fraqueza que deles se apodera, logo que uma pequenina causa destrói o elastério do seu espírito” – disse o autor, em versão fisiológica da teoria da ‘inflexibilidade moral’ divulgada por Alexander von Humboldt ao refletir sobre a dificuldade de indígenas em adequar-se a “vida civilizada”. Outra ocasião em que “tem lugar esta profusão de suor”, seria quando os indígenas estivessem empregados “em trabalhos que lhe são estranhos ou tediosos; sendo que, o moroso adiantamento deles, o índio costuma atribuir, ora a uma doença repentina, ora a um encantamento” (MARTIUS 1844, p.22-23; 1979, p.15-16). A psicossomática é acionada, portanto, com o intento de explicar as reações e resistências dos índios ao assumir os papéis atribuídos a eles no dito “processo civilizador”.

A pequena irritabilidade do Sistema Sanguíneo (Geringe Erregbarkeit des Blutsystems) dá seguimento às características da inércia das funções vitais dos índios.

O “índio” deveria ter o sangue frio (MARTIUS, 1844, p.24-25) e em menor quantidade! “A falta de transpiração do índio, também depende da pouca irritabilidade do coração e dos grossos vasos sanguíneos ou, talvez, da menor quantidade de sangue”

(MARTIUS, 1844, p.23). Pois ressentem a sua perda mais que negros (Neger) e brancos (Weisse). Quanto à hipótese da menor quantidade de sangue dos americanos, disse Martius (1844, p.23): “não posso citar nenhuma experiência direta”. Porém Azara (Charruas e Guaranis) e o Dr. Benjamin Rush (América do Norte) haviam escrito com opinião comum. O catamênio dura menos e é acompanhado de complicações históricas (hysterischen Beschwerden) e, para o autor, o mesmo teriam dito os brasileiros dos nativos “Brasis” (MARTIUS, 1844, p.23-24). Pode-se supor com justiça que é menor a quantidade de sangue nas veias dos índios americanos em virtude da sua brutalidade e nutrição deficitária – escreveu Martius (1844, p.18; 1979, p.24) no ensaio publicado por Buchner (1844).

Os indícios corporais da inércia sanguínea eram as mãos frias dos indígenas tocados pelo naturalista. Os europeus, ao tocarem as mãos dos índios, disse Martius, sentem “uma impressão comparável ao toque de um objeto frio e úmido” (MARTIUS, 1844, p.25).

No exercício da medicina, o bávaro auscultou os batimentos cardíacos de indivíduos tomados por exemplares de “índio” para tecer a inércia do sistema sanguíneo desta raça. “Nos homens são contei de 55 a 68 pulsações por minuto, e, nas mulheres, que se distinguem mais pela vivacidade do que os homens, de 76 a 80 e, até mais” (MARTIUS 1844, p.25; 1979, p.19). À contagem dos batimentos, o naturalista construiu uma versão médica da apatia melancólica dos indígenas no cenário da sociedade pós-colonial.

O “sistema plástico” inerte, na fisiologia Oitocentista, se completa com a percepção do viajante das especificidades do indígena brasileiro na absorção da nutrição. A força assimiladora do índio seria menor (1844, p.25), segundo o exame: essa gente come muito devagar, muito de uma só vez e por terem pouca abundância são longos os intervalos uma e outra refeição. Só apreciam o sabor das coisas conhecidas e nutrem-se apenas delas. Disse Martius (1844, p.25-27; 1979, p.21), ainda mais, o “índio” não consegue conservar a sua força com outros alimentos distintos de sua Natureza. Demoram de forma incomum as cicatrizações e são comuns úlceras e feridas nos pés.

A incapacidade orgânica para a adaptação estaria em doenças somáticas: é o caso da prostração do índio como escravo, vítima silenciosa, ao contrário do negro, do Banzo. “Sofrem do banzo sem exteriorizar o que se passa em seu íntimo, trabalha como autômato e não pensa senão em fugir” – em outra observação de uma típica fisiologia colonial (MARTIUS, 1844, p.26-27). O Sistema Colonial e suas práticas de dominação são novamente o laboratório de observação da fisiologia psicossomática de Martius. Forçadamente retirado do seu meio de origem:

[...] os brasis mostram-se logo incomodados e aborrecidos por tudo que os afete de modo contrário à sua vida anterior; em breve definham, em consequência de profunda melancolia e desespero em que se acham; perdem o apetite e a agilidade dos membros; caem num abatimento geral, e, quase sempre, acabam vítimas de diarreia coliquativas.

Manifestam novamente as vozes dos colonizadores para comprovação fisiológica:

Os colonizadores e fazendeiros que empregam os índios como criados ou escravos nos trabalhos de suas fazendas, trazidos por expedições belicosas ou pacíficas, os chamados "descimentos", podem muito bem, dar testemunho desta grande prostração, desta carência de energias das funções nutritivas, principalmente, nos lugares onde faltam ao índio os encantos da alma e em que se vê sujeito a um modo de viver, de todo contrário ao que levava anteriormente (MARTIUS, 1844, p.26-7; 1979, p.21-22).

Sob o mesmo princípio que Johann Christian August Heinroth, a alma era contemplada pelo naturalista agindo sobre a nutrição e a fraqueza do sistema gástrico (e metabólico) e nutritivo:

Poucas semanas bastam para reduzir o índio mais robusto a um esqueleto, levando-o fatalmente à morte, se não voltar pela própria vontade, pelo auxílio dos companheiros ou, raras vezes também, pelos cuidados humanitários do patrão, à sua primitiva liberdade nas matas. [...] Essa rápida decadência da nutrição sempre se realiza sob a influência de profunda melancolia e isto com razão é mencionado, como prova do grande domínio que têm as influências psíquicas sobre o índio. Julgamos poder atribuir como causa disto, a debilidade do seu sistema plástico (MARTIUS, 1844, p.26-7; 1979, p.21-22).

Constituíam o corpus de argumentos da inércia das funções vitais da raça Americana: o “fato” de terem menos sangue, menor frequência cardíaca e adoecerem nas propriedades dos seus “senhores”. Além disso, a melancolia dos índios após serem feitos cativos e a consequente disfunção nutricional. Os seus hábitos nutricionais e a alegação de serem incapazes de apreciar e mesmo de se nutrirem com outros alimentos estranhos aos encontrados nos seus lugares originais aumentavam a série de sintomas. Os elementos biológicos do retardamento das funções vitais e sensibilidade deficiente

poderiam explicar a série de hábitos e reações dos indígenas diante do papel atribuído a eles como força (cristã) de trabalho na sociedade Imperial (MARTIUS, 1844, p.27).

A segunda característica psicossomática do índio: o Torpor do sistema nervoso.

A raça americana tinha em seu caráter biológico, segundo o naturalista bávaro, a ausência de respostas aos estímulos externos pelo seu sistema nervoso. Vivia, portanto, em torpor (*Unbeweglichkeit des Nervensystems*). “Semelhante condição só pode provir de um sistema nervoso inerte e pouco irritável; por isso daremos, como segundo característico somático dos brasis, essa notável inércia e torpor que lhes são tão peculiares” (MARTIUS, 1844, p.29; 1979, p.25). Escreveu o naturalista bávaro:

A íntima ligação de todas as atividades orgânicas entre si, com a vida psíquica superior, constituindo uma característica essencial do homem de refinada sensibilidade, não se observa nos índios, nem mesmo comparativamente aos negros, e, menos ainda, aos homens de raça caucásica. Tanto as forças físicas como as morais, se acham neles separadamente dissociadas, e ficam em completa passividade ao lado uma da outra. Por isso, suas funções são mais lentas, suas simpatias unilaterais e menos fortes, todos os antagonismos menos acentuados (MARTIUS, 1844, p.29-30; 1979, p.25).

O entorpecimento do sistema nervoso seria a explicação, por desdobramento, para uma maior longevidade (*Longävität*) dos indígenas (MARTIUS, 1844, p.32). Os sentidos (*Die Sinnlichkeit*) eram desenvolvidos sintomaticamente pelo estado de torpor da raça americana. Eram desequilibrados (MARTIUS, 1844, p.32), pois subordinados à satisfação de desejos imediatos e mesquinhos da vida pobre às margens da civilização. Os indígenas, por isso não abstraem nem o pretérito, nem o futuro. São desprovidos, disse o autor, do prazer refinado e da precaução com o vindouro (MARTIUS, 1844, p.32-33).

Fareja, ouve, enxerga em vastos horizontes e no escuro percebe “objetos que escapariam à vista de qualquer branco” (MARTIUS, 1844, p.32-33). No seu torpor e limite cultural, disse Martius, com sentidos instintivos ao modo doutros animais: “é meio cego, meio surdo, meio sem tato, meio sem olfato” (MARTIUS, 1844, p.33; 1979, p.30). Por um lado, há o peso cultural do estilo de vida das selvas. Por outro, o “homem vermelho não pode, sequer, pretender possuir a vivacidade dos sentidos do malaio e do africano, não obstante a extraordinária capacidade e agudeza com que os dirige para as coisas mais próximas e necessárias” (MARTIUS, 1844, p.31). A degeneração dos seus sentidos, é, pois, incurável.

Tais debilidades levariam desta forma a uma estreiteza de vida psíquica e a falta de afetos (Enge des Gemüthlebens. Affectlosigkeit). Sentimentos profundos e multiformes são desconhecidos entre os indígenas. Ciúme e ódio são as únicas paixões que exacerbam e em seus acessos se tornam semelhantes às feras – disse o bávaro. Não desconhecem a honra; embora, segundo Martius, a sensação de honra seja despertada no nativo brasileiro somente pelo rude desprezo pela morte e sofrimento causados por tormentos corporais.

Os nobres e bons sentimentos eram como surtos instintivos. O amor materno, citou, era instintivo entre mães indígenas (MARTIUS, 1844, p.36). Amor em geral, justiça e fé conjugal deveriam ser compreendidos – embora, instintivamente. Ademais, disse o viajante, o refinado respeito à justiça é limitado à relação de um “índio” para outro “índio”. Tem vergonha (pejo); mas, não tanto pelas relações sexuais. Ele só se envergonha, para o bávaro, por repugnar que vejam suas fezes.

Se observarmos todas estas paixões e afetos na vida dos brasis, vemos que elas são poucas, uniformes e quase continuamente hereditárias de tribo a tribo. Ao mesmo tempo formam um círculo vicioso, dentro das ocupações rudes e invariáveis do caçador nômade e guerreiro, dentro do qual, em contínuo movimento, o índio não tem ensejo de desenvolver sua natureza com mais variedade e liberdade”. (MARTIUS, 1844, p.36).

Estilo de vida, hereditariedade e natureza se sobrepõem no aprofundamento das características inseridas no conjunto que remete ao torpor do sistema nervoso e estreitamento da vida psíquica dos chamados “americanos” no Brasil. Mas, é certo, que o trecho cria espaço à crítica comum do liberalismo de Humboldt e Martius. Retardar a entrada dos indígenas como força de trabalho para as indústrias do Império seria um duplo prejuízo. Ao prolongar o “isolamento” nas missões religiosas, pensava-se, diminuiria o crescimento das empresas imperiais e retardaria o “progresso” (assimilação) dos indígenas em direção à cultura Ocidental.

Na concorrência das características inatas, influências do meio ambiente e social para definir o retrato psicossomático do índio do Brasil, forja-se a linguagem como expressão mais espiritual transmitida pelo corpo – do índio – entorpecido. (MARTIUS, 1844, p.37). Martius lembra certo estranhamento do “ouvido europeu” quanto aos muitos recursos musculares na produção dos sons:

“A principal característica somática destas línguas, parece consistir no variado modo de utilização dos órgãos vocais, manifestando-se nas numerosas sílabas, não somente pela mais rica variabilidade das vogais e pela

transformação fácil de uma em outra, como também nas múltiplas categorias de consoantes, pelo uso de vários recursos orgânicos: sibilando, dando estalidos com a língua, nasalando, gemendo, soprando e assoviando, o que dá, ao ouvido europeu, pelo prolongamento do som, a impressão de uma cantilena muito estranha” (MARTIUS, 1844, p.39; 1979, p.37).

A infantilidade, mas também, força, eram expressas na linguagem. Com a ampliação do corpo, pois tornando-o social, moral e espiritual, a linguagem figura como indício do quadro do torpor neurológico da enunciada raça “americana”:

“No que tange à sintaxe própria do idioma brasílico, o europeu sente um desajeitamento pueril, mas, na própria boca do aborígene, a grande riqueza de elementos linguísticos curtos, quase fragmentados e rapidamente entrelaçados entre si, encerra, pela agudeza na acentuação, pela alternativa de força e suavidade da voz, pela intensidade e pela rítmica, que ora se eleva ora baixa, uma liberdade e força que o filólogo não pode deixar de admirar.” (MARTIUS, 1844, p.39; 1979, p.42).

Desajeitamento pueril das línguas que se limitam a nomear tudo o que cerca a vida bucólica dos índios (SPIX; MARTIUS, 1981, t.1, p.236-7). O desmembramento da língua, a sua composição como mistura de dialetos e ausência de estruturas e regras claras para a compreensão europeia fora um sintoma alegado em recorrência para a construção da imagem do índio degenerado.

Ao final de todo o detalhamento sobre características pretensiosamente inatas das áreas psicológicas, fisiológicas e intelectuais (linguagem) do denominado “Índio” chega-se a uma síntese, a qual, evidentemente, organizou previamente a seleção de características que reduziram as variedades indígenas a um único tipo psicossomático racial. O naturalista bávaro supõe a constituição linfática (*Lymphatische Constitution. Phlegma*) da dita humanidade americana. Segundo o autor, “todas as qualidades inatas e habituais dos brasis, tanto psicológicas como físicas até aqui enumeradas, devemos necessariamente concluir serem estes homens de temperamento linfático”:

“Tendo pouco sangue nas veias, pouco calórico e turgor no corpo, limitado em todas as suas atividades intelectuais, que tanto influem para a vivacidade, vivem constantemente mergulhados na monotonia; nutrindo-se de alimentos grosseiros, pesados, malcozidos e não adubados, além de terem fraco sistema nervoso, devem os brasis superabundar em humores crus. Esses homens são de natureza pesada e fria e, por assim dizer, quase anfíbios² humanos. A

² Martius usa também esta designação em referência aos Guaraúnos, que havia sido comentado por Alexander von Humboldt : nela [palmeira miriti] pendura o anfíbio garaúno a sua rede, durante o tempo das chuvas, na inundação geral; dela recebe teto, alimento, roupa, tão diversas são as necessidades do homem (SPIX; MARTIUS, 1981, t.3, p.73).

pouca excitabilidade da sua fibra que é animada só por poucas paixões, o lânguido movimento do seu sangue frio, a vagarosa assimilação da pouca substância proveniente da abundância de alimentos grosseiros e ainda mais o silêncio e abatimento da alma, são os elementos determinantes de uma constituição linfática” (MARTIUS, 1844, p.40-41; 1979, p.43).

“A isto corresponde o predomínio da fleima e da melancolia no temperamento do índio” – disse Martius (1844, p.40; 1979, p.43), diferentemente de Blumenbach e Humboldt, mais convicto da relação entre valores comportamentais inatos e o conceito de raça. Martius buscou no corpo o temperamento racial do índio. Como interprete posterior a Bichat (1771-1802), o temperamento – como as doenças – parte da interpretação dos sintomas do funcionamento dos órgãos e da constituição dos seus tecidos. Desta forma, o interior dos corpos de uma raça dita degenerada teve o retrato racial que poderiam ter na primeira metade do século XIX. Com este esforço organicista, Martius demonstrou sua tentativa de garantir a História Natural do homem um estatuto propriamente científico. Tal como, a física, a fisiologia e a medicina; igualmente, uma percepção ainda do início da viagem nas paisagens do Reino do Brasil já assimilava o louco, o criminoso e o indígena colonizado.

6. Referências bibliográficas

CAPONI, Sandra. Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012.

DIENER, Pablo ; COSTA, Maria de Fátima. *Um Brasil para Martius*. Rio de Janeiro : Fundação da Biblioteca Nacional, 2012.

GRAU, Jürke. “Martius e as plantas do Brasil”. In. DIENER, Pablo ; GOMES, Maria de Fátima. *Um Brasil para Martius*. Rio de Janeiro : Fundação da Biblioteca Nacional, 2010, pp.105-127, p.117.

GROSCHE, Stefan. “Lebenskunst und Heilkunde bei C.G. Carus (1789-1869). Anthropologische Medizin in Goethescher Weltanschauung (Mit 16 unveröffentlichten Briefen von Carus an Goethe)”. Göttingen: Zentrum Interdisziplinäre Einrichtungen des Fachbereiches Medizin der Universität Göttingen, 1993.

HELBIG, Jörg. “Observações sobre o legado da expedição bávara ao Brasil”. In : DIENER, Pablo ; GOMES, Maria de Fátima. *Um Brasil para Martius*. Rio de Janeiro : Fundação da Biblioteca Nacional, 2010,p.34-74.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Das Naturell, die Krankheiten, das Artzthum und die Heilmittel der urbewohner Brasiliens*. München, C. Wolf'schen Buchdr., 1844.

MARTIUS, Karl. F. P. von. *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos índios Brasileiros*. Tradução, prefácio e notas de Pirajá da Silva. 2º Edição, São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1979. Coleção Brasileira, vol.154.

MARTIUS, Car. Frid. Phil. von. *Materiae Medicae Vegetabilis Brasiliens*. Lipsiae, apud Frid. Fleischer; Vindobonae. Apud Frid. Beck in Comm.: 1843, 3 f., xiii-xxvi.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Systema de matéria médica vegetal brasileira contendo catálogo e classificação de todas as plantas brasileiras conhecidas*. Tradução. Rio de Janeiro, Eduardo & Henrique Laemmert, 1854.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. “Die politische und sociale Stellung der Farbigen Menschen in Brasilien” (1856). *Stadenjahrbuch*, São Paulo, 36 :150-6, 1988.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. “Von dem Reschtszustande unter den Unreinwohnern Brasiliens (1832)”. In: MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Beträge zur Ethnografie und Sprachenkunde, zumal Brasilien*. Leipzig, Friedrich Fleischer, 1867 (Vol.II). 43-142.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. “Die Vergangenheit und Zukunft der amerikanischen Menschheit (1838)”. In: MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Beträge zur Ethnografie und Sprachenkunde, zumal Brasilien*. Leipzig, Friedrich Fleischer, 1867 (Vol.II), pp.1-42.

SPIX, Johann Baptist von. MARTIUS; Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien in den Jahren 1817-1820*. München, 1823 (t.1); 1828 (t.2); 1831(t.3).

SPIX, Johann Baptist von. MARTIUS; Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1981, 3 tomos.

RUSH, Benjamin (1799). "Observations Intended to Favour a Supposition That the Black Color (As It Is Called) of the Negroes Is Derived from the Leprosy". *Transactions*

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

of the American Philosophical Society, Held at Philadelphia for promoting useful knowledge. Philadelphia: Thomas Dobson, Volume IV, 1799, pp.289-297.